



A PESTE, DE ALBERT CAMUS: A RECEPÇÃO NO BRASIL, A PARTIR DE JACQUES MADAULE E BENEDITO NUNES¹

ALBERT CAMUS' *THE PLAGUE*: THE RECEPTION IN BRAZIL, BASED ON JACQUES MADAULE AND BENEDITO NUNES

João Ricardo Barros Silva²

Luís Antônio Contatori Romano³

Artigo submetido em: 20 set. 2020

Data de aceite: 19 nov. 2020

Data de publicação: 17 dez. 2020

RESUMO: Este artigo visa refletir sobre a recepção do romance *A peste*, de Albert Camus (1913-1960), no Brasil, a partir das publicações do crítico francês Jacques Madaule, no jornal carioca *A manhã*, em 1948, e do filósofo paraense Benedito Nunes, na *Folha do norte*, de Belém, em 1951. *A peste* foi publicado na França, em 1947, traduzido no Brasil, pela primeira vez, por Graciliano Ramos, e editado em 1950, pela José Olympio. O escopo deste artigo é compreender: as relações entre absurdo e revolta em Camus; a temática viral como representação alegórica da Segunda Guerra Mundial; e também as possibilidades de transposição para novos contextos, como o da atual pandemia de Covid-19, reafirmando a atualidade e universalidade dessa obra de Camus.

Palavras-chave: *A peste*. Albert Camus. Jacques Madaule. Benedito Nunes. Literatura viral.

ABSTRACT: This article aims to reflect on the reception of the novel *The plague*, by Albert Camus (1913-1960), in Brazil, based on the publications of the French critic Jacques Madaule in Rio de Janeiro newspaper *A manhã*, in 1948, and the *paraense* Philosopher Benedito Nunes, in *Folha do norte*, Belém, 1951. *The plague* was published in France in 1947 and translated in Brazil, for the first time, by Graciliano Ramos, and published in 1950 by José Olympio. The scope of the article is to understand the relation between the absurd and revolt in Camus, the viral theme as an allegorical representation of the Second World War, and also the possibilities for transposition into new contexts, such as that of current Covid-19 pandemic, reaffirming the timeliness and universality of this work by Camus.

Keywords: *The plague*. Albert Camus. Jacques Madaule. Benedito Nunes. Viral Literature.

¹ Texto orientado pelo Prof. Dr. Luís Antônio Contatori Romano, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá-PR, Brasil. O presente trabalho foi realizado com apoio financeiro da FAPESPA (Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas) e do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

² Mestrando do Curso de Letras da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá-PR, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/5094792157078868>

³ Doutor em Teoria e História. Professor do Mestrado em Letras da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá-PR, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/2430484048508765>

Acesse este artigo pelo QR Code:



INTRODUÇÃO

O romance *A peste*, de autoria do escritor, filósofo e dramaturgo franco-argelino Albert Camus (1913-1960), foi publicado na França em 1947 e traduzido no Brasil, pela primeira vez, por Graciliano Ramos (1892-1953), então autor já consagrado no mercado editorial nacional, e publicado, em primeira mão, pela editora José Olympio no ano de 1950. De acordo com Bicalho (2007), *A peste* seria a primeira tradução de um romance de Camus no Brasil.

Tratar-se-á, neste artigo, em um primeiro momento, da formação humanística e política de Camus e dos dois ciclos em que se divide a sua obra: o do absurdo e o da revolta, a partir de Todd (1998) e de Guérin (2009). Em seguida, focalizar-se-ão possíveis leituras de *A peste* como romance histórico e alegórico, com base em Alluin (1996), Korichi (2008), Beauvoir (2000) e Lévi-Valensi (1991). Relacionando-se aos possíveis significados artísticos, alegórico-históricos e existenciais, centrar-se-á na recepção de *A peste* no Brasil, a partir das críticas literárias de Madaule (1948) e Nunes (1951).

O romance *A peste* também pode ser compreendido como expressão de uma literatura viral que, por ser alegórica, pode transcender questões relativas ao contexto histórico em que surgiu, o pós Segunda Guerra Mundial, e ser relida, e atualizada, como possível expressão de novas circunstâncias históricas, como a da atual pandemia de Covid-19. Como afirma Calvino: "(...) um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer" (CALVINO, 2001, p. 11). Por essa definição, *A peste* situa-se como obra atemporal, universal e plurissignificativa, como um clássico.

ALBERT CAMUS: FORMAÇÃO E OBRA

Camus nasceu em 1913, em Mondovi, na Argélia francesa. Estudou Filosofia na Universidade de Argel, onde foi aluno de Jean Grenier (1898-1971), com quem desenvolve, ao longo do tempo, uma relação de respeito e admiração mútuos e constrói sólida amizade. De acordo com Todd (1998, p. 87-88), Camus sente-se seduzido pelas ideias de Grenier, que considera seu grande mestre. Mais tarde, já escritor consagrado mundialmente, Camus irá prefaciar o livro de ensaios *Les îles*, de Jean Grenier, para edição da Gallimard publicada em 1959.

Ainda jovem, seguindo os conselhos de Grenier, Camus engaja-se na política e se torna membro do Partido Comunista Argelino em 1935, mas ele não via a atividade política como uma carreira, pois "L'action militaire de Camus se développe sur deux terrains privilégiés: le journalisme et le théâtre. Il écrit plusieurs articles dans la presse du Parti, *La Lutte sociale* et *L'Algérie ouvrière*, et monte plusieurs pièces dans la troupe dont il est animateur, le Théâtre du Travail"⁴ (GUÉRIN, 2009, p. 644). Camus considerava que se podia entender o comunismo "como uma preparação para atividades mais espirituais, como um estado de coisas a partir das quais o homem pode redescobrir o sentido da eternidade" (TODD, 1998, p. 94-95).

O primeiro artigo jornalístico de Camus apareceu no periódico *Alger républicain*, em 12 de outubro de 1938, no qual se faz uma crítica à carestia das mercadorias em tempos de guerra. O que podemos ver a partir deste momento é um Camus engajado, que, sob o pseudônimo de Vincent Capable, chega a escrever inúmeros artigos entre os meses de março e junho de 1939, num momento em que cresciam ideias separatistas da Argélia em relação à França colonial.

Nesse mesmo ano, também para o jornal *Alger républicain*, fundado em 1935, que seguia uma linha de esquerda, Camus publica um artigo em que faz um elogio ao romance *Bahia de tous les saints*⁵, de Jorge Amado, obra traduzida para o francês e publicada pela Gallimard, em Paris, em 1938:

Un livre magnifique et étourdissant. S'il est vrai que le roman est avant tout action, celui-ci est un modèle du genre. Et l'on y lit clairement ce que peut avoir de fécond une certaine barbarie librement consentie. Il peut être instructif de lire Bahia de tous

⁴ "A ação militar de Camus se desenvolveu em dois terrenos privilegiados: o jornalismo e o teatro. Ele escreveu inúmeros artigos para a redação do Partido, *A luta social* e *A Argélia operária*, e montou várias peças na companhia onde ele era o diretor artístico, o Teatro do Trabalho." Todas as traduções aqui apresentadas são de responsabilidade dos autores deste artigo, com exceção dos trechos retirados de Camus (1997).

⁵ Tradução francesa do romance *Jubiabá*, de Jorge Amado.

les saints en même temps, par exemple, que le dernier roman de Giraudoux, *Choix des Élus*. Car ce dernier figure assez exactement une certaine tradition de notre littérature actuelle, qui s'est spécialisée dans le genre "produit supérieur de la civilisation". A cet égard, la comparaison avec Amado est décisive.⁶ (CAMUS, 1939, s/p, ênfase no original)

Nas décadas de 1940 e 1950, vivendo na França, consagra-se como escritor mundialmente reconhecido, sendo agraciado com o Nobel de Literatura em 1957. O conjunto da obra de Camus é comumente dividido em dois ciclos, pelo próprio autor e pela crítica especializada: o do absurdo e o da revolta, conforme considera Nilson Adauto Silva (2008). O primeiro ciclo, o do absurdo, é o que compreende o ensaio filosófico *Le mythe de Sisyphe* (1942), o romance *L'étranger* (1942) e a peça de teatro *Caligula* (1944). O segundo ciclo, que é o da revolta, reúne as peças *Le malentendu* (1944), o romance *La peste* (1947), *L'état de siège* (1948), *Les justes* (1950), o ensaio *L'homme révolté* (1951) e os contos de *L'exil et le royaume* (1957) — este último livro parece ser uma síntese que contém o resultado final dos pensamentos filosóficos de Camus, apresentados na forma de contos literários. *A peste*, de 1947, corresponde ao livro de transição dos dois ciclos do seu pensamento.

A PESTE: LITERATURA, HISTÓRIA E ALEGORIA

A peste, segundo Bernard Alluin (1996), pode ser lida a partir de três perspectivas distintas, ou como um romance de três faces. Na primeira perspectiva, como um romance narrado em primeira pessoa, pode também ser classificado como uma crônica, de resistência, consagrada à existência humana, na qual o narrador anônimo se revela ao final da obra, na personagem do Dr. Rieux: "Cette chronique touche à sa fin. Il est temps que le docteur Bernard Rieux avoue qu'il en est l'auteur"⁷ (CAMUS, 1947, p. 273).

A segunda perspectiva de leitura seria a de um romance histórico, pois sabemos que *A peste* evoca o período da Segunda Guerra Mundial, entre 1939 e 1945, e pode representar o poder dos nazistas na Europa, trazendo inúmeras referências e alusões aos debates político-ideológicos daquela época.

⁶ "Um livro magnífico e assombroso. Se é verdade que o romance é antes de tudo ação, este é um modelo do gênero. Nele lemos claramente o que pode haver de fecundo numa certa barbárie livremente consentida. Pode ser instrutivo para todos ler Bahia de todos os santos ao mesmo tempo, por exemplo, que o último romance de Giraudoux, *Choix des Élus*. Pois, este último, figura exatamente uma certa tradição de nossa literatura atual, que se especializou no gênero 'produto superior da civilização'. Neste sentido, a comparação com Amado é decisiva".

⁷ "Esta crônica chega ao fim. É tempo de o doutor Bernard Rieux confessar que é o seu autor."

C'est un fait, *La Peste* a été souvent interprétée comme une transposition de l'occupation allemande de la France et de l'organisation de la Résistance qui s'ensuivit. La lecture allégorique a notamment prévalu au moment de la parution du livre, peu de temps après la guerre.⁸ (KORICHI, 2008, p. 341)

Por fim, o romance traz uma abordagem filosófica sobre a condição humana, como uma obra que comporta um senso metafísico e moral, ao explorar a manifestação do "mal" no mundo; o sofrimento do homem, em particular, o dos inocentes.

Na crítica literária que escreve sobre esse trabalho de Camus, Jacqueline Lévi-Valensi considera que *A peste*: "(...) apparaît comme un point d'achèvement, comme le couronnement d'un écrivain et d'une oeuvre parvenus à la maturité, et comme le premier grand roman français de l'immédiate après-guerre"⁹ (LÉVI-VALENSI, 1991, p. 11).

O livro de Camus conta o drama de uma população prisioneira na sua própria cidade, Oran, a mando do prefeito, que, tomando como justificativa a peste que assola a população local, despacha oficialmente um decreto sobre o fechamento da cidade: "Le jour ou le chiffre des morts atteignit de nouveau la trentaine, Bernard Rieux regardait la dépêche officielle que le préfet lui avait tendue en disant: 'Ils ont eu peur.' la dépêche portait: 'Déclarez l'état de peste. Fermez la ville'"¹⁰ (CAMUS, 1947, p. 64).

Dessa forma, a população, aterrorizada, acompanha o destino trágico que leva à morte de seus familiares e amigos, sem nada poder fazer para ajudá-los. "Foi só com o tempo, ao constatar o aumento das mortes, que a opinião pública tomou consciência da verdade" (CAMUS, 1997, p. 73).

Lévi-Valensi exemplifica possíveis interpretações alegóricas de *A peste*, no contexto da grande catástrofe do século XX, o holocausto:

La déshumanisation, que symbolise la peste, et que l'histoire du XX siècle a bien connue, à travers les camps de concentration. Les crimes contre l'humanité et la terreur totalité. Les allusions aux camps de concentration, à la déportation sont sous-jacentes à bien des pages de *La Peste*. Comment en serait-il autrement, puisque ces camps ont été a réalisation la

⁸ "É verdade que *A Peste* foi muitas vezes interpretada como uma transposição da ocupação alemã da França e da organização da Resistência que se seguiu. A leitura alegórica era particularmente predominante na época da publicação do livro, logo após a guerra."

⁹ "Aparece como um ponto de conclusão, como a coroação de um escritor e de uma obra que chegou a sua maturidade, e como o primeiro grande romance francês de imediato do pós-guerra."

¹⁰ "No dia em que o número dos mortos atingiu de novo trinta, Bernard Rieux olhava o telegrama oficial que o prefeito lhe estenderá, exclamando: 'Estão com medo!' O telegrama dizia: 'Declarem o estado de peste. Fechem a cidade'" (CAMUS, 1997, p. 60).

plus atroce et la plus complète du règne du mal. (...) Le roman ne peut pas transposer ce qui est intransmissible: "Un roman sur Auschwitz n'est pas un roman, ou n'est pas sur Auschwitz", répète Wiesel; ce que, cependant, il faut transmettre... La Peste évoque cette réalité impossible à imaginer et à dire, en mineur, à travers les camps d'isolement – l'on peut reconnaître, dans le stade où est installé le camps décrit (Camus, 1947, p. 215), un rappel du Vélodrome d'Hiver où, à Paris, 1942, furent parqués des milliers de Juifs – en majeur, par la vision récurrente des fours crématoires (Camus, 1947, pp.164-165, 267, 269), et par la profondeur qu'atteint la représentation de la séparation, de la souffrance, de la déshumanisation.¹¹ (LÉVI-VALENSI, 1991, p. 69-70)

Em *A peste*, o flagelo chega como uma cena surpreendente e inesperada: na manhã do dia 16 de abril, na cidade de Oran, na Argélia colonial, quando o doutor Bernard Rieux sai de seu consultório, e para seu desagrado, tropeça em um rato morto. O mal começará a se mostrar a todos a partir desse dia. O rato morto serve como o índice anunciador da tragédia de Oran e, metonimicamente, de toda tragédia epidêmica, literal ou figurada. Afinal, foi como "ratos" (ARAÚJO, 2020, s/p) que certa vez Camus se referiu, em seus escritos, aos alemães que ocuparam a França.

A filósofa Mériam Korichi (2008, p. 341) remete-se a um trecho de uma carta de Simone de Beauvoir (1908-1986) para o escritor norte-americano Nelson Algren (1909-1981), de 13 de junho de 1947, na qual Beauvoir, ao abordar essa obra camusiana, já fazia referência ao seu caráter alegórico, pois representaria Paris ocupada pela Alemanha nazista, durante a Segunda Guerra Mundial:

(...) saiba que Camus, o autor de *O estrangeiro*, acaba de publicar um livro importante, *A peste*, em que trata da ocupação de Paris pelo exército alemão, sob o disfarce da história de uma epidemia de peste em Oran. Ele descreve a

¹¹ "A desumanização, simbolizada pela peste, e bastante conhecida na história do século 20, é vista através dos campos de concentração. Como os crimes contra a humanidade e o terror total. Alusões a campos de concentração, à deportação estão subjacentes a muitas páginas de *A peste*. Como poderia ser diferente, já que esses acampamentos foram a mais atroz e mais completa conquista do reinado do mal. (...) O romance não pode transpor o que não pode ser transmitido: 'Um romance sobre Auschwitz não é um romance, ou não é sobre Auschwitz', repete Wiesel; o que, no entanto, é necessário transmitir... *A peste* evoca essa realidade impossível de imaginar e dizer, em menor, através dos campos de isolamento — pode-se reconhecer, no estádio onde estão instalados os campos descritos (Camus, 1947, p. 215), uma lembrança do Vélodrome no inverno, onde em Paris, em 1942, milhares de judeus foram arrebanhados — em grande parte, pela visão recorrente dos fornos crematórios (Camus, 1947, pp.164-165,267,269), e pela profundidade alcançada, pela representação da separação, sofrimento e desumanização."

terrível moléstia, a solidão da cidade sobre a qual ela se abate por detrás das portas cerradas pelo medo do contágio, o medo de uns, a coragem de outros. Através de tudo isso, ele procura refletir sobre o sentido da existência humana, as razões, a maneira de aceitá-la. Eu não concordo inteiramente, mas ele maneja um belo francês e alguns trechos comovem e nos tocam o coração. (BEAUVOIR, 2000, p. 28)

Assim, como criação literária, a trama de *A peste* está situada na cidade de Oran, na Argélia, sitiada devido ao horror da epidemia. Em sentido alegórico, e histórico, como apontado por Simone de Beauvoir e por Lévi-Valensi, estaria se referindo à ocupação da França pela Alemanha nazista, o que durou de 1940 a 1944, ou a toda a tragédia do holocausto. Poderia também se referir à ocupação da Argélia pela França. Como representação alegórica atemporal, a cidade sitiada de *A peste* pode ser constantemente atualizada, como expressão das opressões provocadas pelas guerras contemporâneas, dos refugiados políticos acolhidos em acampamentos, e até mesmo do próprio *lockdown* provocado pelo novo coronavírus. Nesse sentido, o livro *A peste* pode ser considerado como exemplo de literatura viral, ao tematizar contágios, epidemias e cenários apocalípticos, que podem evocar temores de ordem místico-religiosa. Esse tema ganha expressão em *A peste*, por exemplo, a partir do primeiro sermão do padre Paneloux, quando, no púlpito da igreja da cidade sitiada, cita a passagem do *Êxodo*, relativa à peste no Egito, para exortar os fiéis de Oran sobre a origem divina de seu próprio flagelo e de seu caráter punitivo:

Irmãos, caístes em desgraça, irmãos, vós o merecestes, (...) A primeira vez em que esse flagelo aparece na história é para atacar os inimigos de Deus. O Faraó opõe-se aos desígnios eternos, e a peste o faz então cair de joelhos. (...) Sabeis agora o que é o pecado, como o souberam Caim e seus filhos, os de antes do Dilúvio, os de Sodoma e Gomorra, Faraó e Jó e também todos os malditos. (CAMUS, 1997, p. 88)

Na sequência deste trabalho, focalizar-se-á a recepção brasileira de *A peste* em diálogo com as perspectivas críticas comentadas até aqui, que situam historicamente esse romance de Albert Camus, ao mesmo tempo em que abrem para leituras alegóricas dessa obra.

A RECEPÇÃO DE *A PESTE* NO BRASIL

Ao tratar das traduções de *A peste* no Brasil, primeiro a de Graciliano Ramos, em 1950, depois a de Valerie Rumjanek, em 1980, Ana Maria Bicalho afirma que a tradução de Graciliano foi bem recebida à época:

A peste foi traduzida para o português do Brasil pela primeira vez em 1950 e ainda hoje é reeditada. Sabe-se que, para que o texto traduzido seja bem aceite pela sociedade da língua de chegada, o tradutor deve, na maioria das vezes, adequá-lo às normas estabelecidas pelas instituições que rege as normas de aceitação dos textos traduzidos, ou, em se tratando de Graciliano Ramos, basta ter seu nome vinculado à tradução. (BICALHO, 2007, s/p)

Em *A peste*, Camus cria uma história centrada no isolamento da cidade de Oran, na Argélia, afetada por uma epidemia, situação que resultava em sofrimento intenso e despertava o sentido de liberdade frente à tragédia e à urgência do engajamento para combater o mal. Não era difícil para o leitor associar a Oran sitiada da ficção com contextos reais de opressão. A Europa saía da guerra, cujos escombros estavam por toda parte. Sabia-se já o que havia ocorrido nos campos de concentração nazistas e a França começava a enfrentar tensões separatistas na Argélia, embora a guerra fosse começar somente em 1954. No Brasil repercutiam notícias sobre a Segunda Guerra Mundial e se sentiam, não de muito longe, as fraturas da ditadura da Era Vargas, que durou de 1930 a 1945. Assim, para a crítica e mesmo para o leitor comum, atento, faziam-se quase evidentes as possíveis relações entre a Oran sitiada e realidades de sofrimento, existencial e coletiva. A leitura alegórica impunha-se com certa facilidade.

Antes da publicação de *A peste* no Brasil, na tradução de Graciliano Ramos, o intelectual católico francês Jacques Madaule¹² (1898-1993) escreveu uma crítica sobre essa obra, que foi traduzida para o suplemento *Letras e Artes* do jornal carioca *A manhã*¹³ e publicada em 18 de janeiro de 1948. O artigo de Madaule recebeu o título de *O "best-seller" da França, no momento: "A PESTE", DE ALBERT CAMUS*. O crítico francês inicia sua escrita afirmando que "este livro deve ser considerado um dos mais importantes aparecidos de três anos para cá" (MADAULE, 1948, p. 3).

¹² Jacques Madaule nasceu em 1898, em Castelnaudary, na França, e morreu no ano de 1993 em Issy-les-Moulineaux. Foi autor, editor, diretor de publicações, criador, colaborador, repórter, narrador, tradutor e compilador. Trabalhou com histórias periódicas da igreja católica, biografias críticas e interpretações. Escreveu em mais de seis idiomas (WORLDCAT IDENTITIES, 2020).

¹³ O artigo de Madaule ocupa uma única página do jornal *A manhã*, a página 3 do suplemento *Letras e Artes*.

Madaule tece elogios ao valor artístico dessa obra de Camus, considerando-a uma das mais perfeitas de seu tempo: narrativa sóbria, que, mesmo partindo de uma circunstância pouco verossímil, conduz o leitor a um arrebatamento pela história a ponto de fazê-lo perder a consciência de tudo o que o cerca. O crítico francês afirma também que “Camus viveu, como nós, a tragédia do nosso tempo, e ei-lo a atingi-la, se não no coração, pelo menos muito perto do coração; ‘La peste’ ficará por todos os séculos como um testemunho sobre nossa época” (MADAULE, 1948, p. 3).

Na crítica de Madaule, além do drama existencial por ele ressaltado, nota-se a pertinência do caráter alegórico de *A peste*, como obra de arte capaz de expressar o sofrimento humano em circunstâncias históricas, além daquela criada ficcionalmente por Camus:

Nosso mal, não é mais, realmente, um mal individual, uma dessas doenças que conservam o paciente no isolamento de um quarto fechado e de um sofrimento que ele não pode repartir com mais ninguém, atinge toda a coletividade. É [sic] Nossa doença é epidêmica: a terra hoje que se torna semelhante à Oran sobre a qual drapeja nossa bandeira negra. Reunidos, permanecemos, entretanto separados, isolados de uma parte essencial de nós mesmos, como esses habitantes de Oran que deixaram partir um ente querido no momento em que a cidade ia ser interditada. Entre a calamidade pública e os sofrimentos individuais, há sensivelmente, a mesma relação da peste que ruga por cima da cidade e os corações despedaçados por uma ausência. (MADAULE, 1948, p. 3)

Madaule refere-se também ao aspecto contingente do drama da cidade sitiada e de seu índice anunciador, o rato morto: “A peste desaparece como viera, estoura-se de novo; mas não morre jamais e devemos sempre recear, empurrar com o pé ainda mais uma vez em qualquer parte este rato morto, anunciador da calamidade” (MADAULE, 1948, p. 3). Para Madaule, em *A peste*, Camus trata de engajamento, luta e resistência. Camus desenvolve uma linha ética, voltada para o bem estar do homem, e para seu fim, como parte da existência absurda: “Então, o dever é simples: é preciso combater, é preciso lutar, agarrar o mal pelo pescoço, não para derrubá-lo, pois isso está acima das forças humanas, mas para contê-lo. Foi assim que alguns homens em Oran se empenharam na luta contra o flagelo” (p. 3).

Esse crítico francês trata das formas de engajamento de certas personagens de *A peste* e de suas possíveis relações com o pensamento político e filosófico de Camus:

(...) nem Paneloux nem Tarrou são os verdadeiros intérpretes do autor. Paneloux crê em Deus, é a Deus que ele se reporta, não para justificar-se, mas para explicar o flagelo, e Camus não repete suficientemente que não crê em Deus. Tarrou também, mas o problema de Tarrou como ele próprio diz, é saber se se pode ser um santo sem Deus. Ora, não é exatamente esse o problema de Camus. Ele se exprime suficientemente, parece-me pela boca do dr. Rieux; “Sinto-me mais solidário com os vencidos do que com os santos. Não tenho gosto, creio, pelo heroísmo e a santidade. O que me interessa é ser um homem”. (MADAULE, 1948, p. 3)

No Brasil, as críticas sobre *A peste* não se resumem ao jornal carioca *A manhã*. Em Belém do Pará, o escritor, ensaísta e professor de Filosofia Benedito Nunes (1929-2011) escreve para o suplemento literário *da Folha do norte*¹⁴, em 1951, um artigo intitulado *Considerações sobre “A peste”*. Também Nunes focaliza o drama existencial e o engajamento coletivo a que o flagelo conduz: “Durante a Peste, os homens abandonam o emprego que possuíam para juntar-se aos médicos na luta contra a epidemia. Provisoriamente, eles sabem dispor de sua liberdade” (NUNES, 1951, p. 4).

Para Benedito Nunes, a peste que assola Oran um dia a abandona, porém ficará nos corações de cada homem e de cada mulher expressivamente, porque o flagelo os fez tomar consciência da própria liberdade, à qual deram sentido ao se engajarem para combater a peste. Mas, terminada a luta, a liberdade, agora consciente, fica sem objeto em que se engajar: “(...) a liberdade que os habitantes de Oran pensavam ter com o fim da epidemia, oprime tanto ou mais do que o próprio furor da terrível doença, porque ignoram o que fazer de si mesmos uma vez que não têm mais o que combater” (NUNES, 1951, p. 4).

Camus representa “o símbolo do homem livre, na figura de Sísifo, do ‘Mythe de Sisyphe’, rolando a pedra do alto da montanha, para de novo empurrá-la, de baixo, até alcançar o cimo, de onde renovará pela eternidade seu trabalho de condenado” (NUNES, 1951, p. 4).

Nunes considera que Camus apega-se à realidade tangível que cerca a humanidade, mas, para constatar que essa realidade está envolvida por outra, que não se pode compreender, como a inesperada invasão da pacata cidade de Oran pela peste. Nessa circunstância, os cidadãos têm de lutar para se manterem humanos: “Dentro da cidade de Oran os habitantes segregados não lutam apenas contra a enfermidade mortal: lutam para conservar intactos seus

¹⁴ “Criado em Belém, em 1946, por Haroldo Maranhão, o Suplemento Literário da Folha do Norte integra-se às iniciativas nacionais congêneres, nascendo com o caráter irruptivo das demais publicações de Suplementos do resto do país” (MAUÉS, 2002, p. 29).

sentimentos. Lutam pela integridade da própria natureza humana” (NUNES, 1951, p. 4).

Em outras considerações sobre a ordem incompreensível de *A peste*, Benedito Nunes afirma:

A peste é aqui a manifestação de um poder supremo, cujas determinações parecerão absurdas e desumanas se vamos apreciá-las sem ter o coração preparado pela Fé. Sísifo, ligado ao seu rochedo, não é reconfortado pela Esperança. Os personagens de *A peste* estão compreendidos na ordem da catástrofe como joguetes de suas determinações. Nenhum deles acredita em Deus. (NUNES, 1951, p. 4)

Para a catástrofe, Camus propõe uma solução que parte de Sísifo. Haveria dois caminhos: o caminho da Fé e o da vida sem Esperança. De acordo com Nunes, Camus preferirá o caminho da vida sem Esperança, do desespero, capaz de gerar uma atitude lúcida e heroica, que é vivida por personagens que habitam Oran durante o flagelo, como os humanistas Dr. Rieux e Tarrou. Dessa forma, Nunes considera que *A peste* é uma narrativa de cunho coletivamente engajado, capaz de arrancar o homem do absurdo, o que somente poderia se fundamentar na necessidade de viver revoltando-se.

O absurdo, para Camus, está na incompatibilidade entre o desejo de felicidade e a realidade da vida, que implica a existência do sofrimento e a consciência da morte. Ao tomar consciência do absurdo, a escolha que cabe ao homem situar-se-ia entre a fé e a desesperança, como esclarece Nunes. A desesperança é a posição de Camus perante a vida, mas, ao aceitar o absurdo da vida, pode-se conviver com ele e, assim, desfrutar da liberdade e de laivos de felicidade. Camus parte do mito grego de Sísifo para figurar a condição absurda da vida. No ensaio literário *O mito de Sísifo*, essa personagem está condenada a rolar eternamente a pedra até o alto do rochedo, mas toma consciência de que pode agir dentro das limitações que a vida (ou a condenação divina) lhe impôs ao observar o caminho que percorre. Integrando-se ao caminho, Sísifo reconhece sua liberdade e minora seu desespero frente ao absurdo, tornando-se menos infeliz em seu silêncio.

O silêncio de Sísifo seria expressão da lúcida consciência que tem de seu destino. Nilson Aduino Silva, em seus estudos sobre as implicações éticas do absurdo e da revolta, considera como um dos componentes dessa ética a “exigência de lucidez”: “As obras de Camus convidam a uma tomada de consciência do Absurdo: vida cotidiana repetitiva e desprovida de sentido, existência sujeita ao tempo, o escândalo da morte” (SILVA, 2008, p. 196).

Em *A peste*, configura-se a concepção desse homem comum que, em sua condição mortal e imerso em seu cotidiano, faz a passagem da consciência do absurdo e do desespero da vida para a revolta e a resistência perante uma situação trágica, ao engajar sua liberdade em uma ação coletiva para vencer o mal. Personagens como o médico Rieux, que alimenta o ideal de vencer a peste, mas com a consciência de que a batalha contra o mal é interminável, o jornalista Tarrou e Grand, o funcionário público tímido, com aspirações a escritor, unem seus sentimentos individuais de revolta no combate à peste. Na base dessa resistência há o sentimento de amor por quem os cerca, expresso, por exemplo, na amizade que se desenvolve entre Rieux e Tarrou.

Jean Tarrou, ateu e *flâneur*, observador atento das pessoas, é filho de um general e assiste, quando criança, ao fuzilamento de um homem, experiência essa que o marcará para toda a vida e, a partir dessa dolorosa memória, solidificará seu lúcido humanismo:

Até o dia em que vi uma execução (foi na Hungria), e a mesma vertigem que atacara a criança que eu era obscureceu meus olhos de homem. Nunca viu um homem ser fuzilado? (...) Sabe que o pelotão se coloca a um metro e meio do condenado? Sabe que, se o condenado desse dois passos à frente, bateria com o peito nas espingardas? Sabe que, a essa curta distância, os executores concentram todos os tiros na região do coração e que, entre todos, com suas grandes balas, fazem um buraco onde se poderia meter o punho? Não, não sabe, pois são pormenores de que não se fala. O sono dos homens é mais sagrado que a vida dos empestados. Não se deve impedir as pessoas decentes de dormir. (...) Mas eu, por mim, não dormi bem desde aquela época. O gosto ruim me ficou na boca e desde então não deixei de insistir, quer dizer, de pensar. (CAMUS, 1997, p. 218-219)

A visão pessimista em torno das situações humanas, que envolvem as noções de absurdo e desespero, conduz, em *A peste*, ao heroísmo coletivo das ações das personagens que se engajam na resistência ao flagelo. Nesse sentido, para Benedito Nunes (1951), essa obra pode ser vista como um testamento do homem do século XX, em todas as suas representações existenciais possíveis.

O pessimismo de *A peste*, comumente associado à representação dos terríveis anos da Segunda Guerra Mundial e das soluções que os homens escolheram dar para o desespero, pode também tornar a obra de Camus atual. *A peste* sugere para o leitor representações de denúncia, de solidariedade, de

engajamento, de revolta e, sobretudo, de humanismo. Considera Nunes que, em *A peste*:

O homem não tem poderes para afastar o perigo que ameaça aniquilar ou mesmo para controlar sua extensão. Em torno dele a realidade indomável exerce a sua pressão, surda ao apelo dos sentimentos mais puros, como o amor e a bondade, que ela desorienta, tal como a Peste com suas vítimas. (NUNES, 1951, p. 4)

Nessas circunstâncias, cidadãos segregados de Oran passaram a travar uma luta maior quando compreenderam que não era só contra a enfermidade mortal, contra a peste, mas que também tinham de lutar para conservar intactos seus sentimentos, e a integridade da própria natureza humana. De forma mais evidente, Camus concilia absurdo e revolta na personagem do médico Rieux, que se envolve com a vida de cada doente, na luta interminável contra o flagelo, mas, sabendo, como Sísifo, que será derrotado por um poder maior que ele. Sua revolta está em jamais se conformar com o sofrimento causado pela epidemia, ao mesmo tempo em que preserva a humanidade de seus próprios sentimentos, o que se expressa na perigosa, e feliz, transgressão ao tomar um banho de mar noturno, numa praia de Oran, durante a epidemia, na companhia do amigo Tarrou.

Assim, no plano existencial, *A peste* é também representação da chamada inquietação camusiana sobre o homem e sua condição. Camus reafirma, pela voz do Dr. Rieux, sua própria ética: "Je me sens plus de solidarité avec les vaincus qu'avec les saints. Je n'ai pas de goût, je crois, pour l'héroïsme et la sainteté. Ce qui m'intéresse, c'est d'être un homme"¹⁵ (CAMUS, 1947, p. 230).

Em tese acadêmica, de 2012, intitulada *Benedito Nunes e a moderna crítica literária brasileira (1946-1969)*, Maria Jesus do Nascimento destaca que, embora Nunes analise de perspectiva filosófica o livro *A peste*, não deixa de observar as peculiaridades formais dessa obra e de seus elementos constitutivos. Por essa perspectiva formal, vale observar que *A peste* não é um romance dividido em capítulos, mas sim em cinco partes. Sob esse aspecto, para Lévi-Valensi, a composição dessa obra romanesca reporta-se explicitamente à estrutura literária da tragédia clássica francesa: "(...) *La peste*, comme une tragédie classique, est divisée en cinq parties"¹⁶ (LÉVI-VALENSI, 1991, p. 45). Nesse sentido, o trágico também se expressa no plano compositivo de *A peste*.

A primeira parte corresponde ao primeiro ato da tragédia, pois situa a ação e anuncia a narrativa, com o breve relato do aparecimento dos ratos.

¹⁵ "Eu sinto-me mais solidário com os vencidos do que com os santos. Creio que não sinto atração pelo heroísmo e pela santidade. O que me interessa é ser um homem" (CAMUS, 1997, p. 222).

¹⁶ "*A peste*, como uma tragédia clássica, é dividida em cinco partes."

Descreve-se assim o aumento da tensão, que se encerra com a declaração do estado de peste e conseqüente fechamento das entradas na cidade. A partir da segunda parte, mostra-se a expansão da peste em Oran, agora fechada, onde haverá esforços para organizar a peleja contra o flagelo, mas onde estão presentes também o temor, o sentimento de exílio e, ao mesmo tempo, o de revolta. A peste atinge seu mais alto grau. Na terceira parte, que será a central na narrativa, afirma-se a supremacia da peste, com a descrição dos enterros, das violências, dos sofrimentos dos indivíduos então separados. Na quarta e penúltima parte, acentuar-se-ão o avanço da doença e o terror entre a população, que culminará com a morte de uma criança, o filho do juiz Othon. Por fim, na quinta parte, a peste diminuirá e desaparecerá. As portas de Oran abrir-se-ão em direção ao mar, e seus moradores recuperarão a tão desejada liberdade, porém, esta, findo o combate à peste, é posta em questão. Nessa parte, revela-se a identidade do narrador, o Dr. Rieux.

Em sua análise crítica, Benedito Nunes sinalizava para a universalidade e atemporalidade na representação literária de Oran sob o flagelo provocado pela peste:

Conhecemos hoje um mundo em que guerras sucessivas se transformam no palco de tragédias ininterruptas. É um mundo em que a história age com ritmo novo, o ritmo catastrófico de que fala *Berdiaeff*. O homem tem não poderes para afastar o perigo que ameaça aniquilar ou mesmo para controlar sua extensão. Em torno dele a sua realidade indomável exerce a sua pressão, surda ao apelo dos sentimentos mais puros, como amor e bondade, que ela desorienta, tal como a peste com suas vítimas. (NUNES, 1951, p. 4)

Na análise do crítico paraense, os homens em tempos de peste tornaram-se fiéis à vida na batalha necessária que travavam contra o flagelo; as personagens ligam-se à vida, assim como Sísifo está ligado ao seu rochedo.

Ainda sobre possíveis relações entre *O mito de Sísifo* e *A peste*, livros que estão separados pela moral camusiana do absurdo e da revolta, Nunes afirma que: "(...) na 'A Peste', há pausas confortadoras em que o homem está prestes a adquirir consciência do seu destino e da sua verdadeira natureza, mas não vai além da posse do sentimento confuso que aspira à felicidade" (NUNES, 1951, p. 4).

O comentário de Nunes confirma-se em uma fala do narrador, o Dr. Rieux, sobre esse sentimento tão humano, que é a aspiração à felicidade: "Pour quelque temps au moins, ils seraient heureux. Ils savaient maintenant que s'il est

une chose qu'on puisse désirer toujours est obtenir quelquefois, c'est la tendresse humaine"¹⁷ (CAMUS, 1947, p. 271).

Como Sísifo, que se entretém com o caminho, ao rolar, inutilmente, a pedra até o alto da montanha, podendo então até, "pour quelque temps" aspirar à felicidade, os habitantes de Oran também criam aspirações, que os aliviam do desespero, ao se engajarem na luta contra o mal e vencê-lo.

CONCLUSÃO

Neste artigo, tratou-se das primeiras, e mais significativas, expressões de recepção crítica de *A peste* publicadas no Brasil, em que Jacques Madaule e Benedito Nunes apresentam um Camus que, ao escrever durante a guerra e o pós-guerra, mostra-se como um pensador que se percebe moralmente responsável pelo homem. Ao final de *A peste*, há a expressão do humanismo camusiano na voz do médico Rieux: "(...) o que me interessa é ser homem, [ou me ocupar deste]" (CAMUS, 1997, p. 222).

Vale lembrar que entre a publicação da crítica de Madaule no jornal *A manhã*, em 1948, e a de Nunes para a *Folha do norte*, em 1951, houve a visita de Camus ao Brasil entre julho e agosto de 1949. Além de grandes cidades como Rio e São Paulo, Camus viajou de carro à pequena Iguape, situada entre a Mata Atlântica e o mar do litoral sul de São Paulo, em companhia de Oswald de Andrade, entre outras personalidades. Em Iguape, Camus presenciou uma festividade religiosa católica, mas carregada de sincretismos. Essa experiência frutificou no memorável conto *A pedra que cresce*, publicado em *O exílio e o reino*, livro síntese do pensamento camusiano.

Escrevendo pouco tempo após o lançamento de *A peste*, na França, e no calor do momento da filosofia existencialista, Madaule e Nunes têm em comum o enfoque da obra como expressão do drama existencial diante das contingências da vida. Mas também o percebem como romance historicamente situado: ao flagelo e isolamento em Oran, subjazem as tragédias coletivas da Segunda Guerra Mundial, em particular a ocupação da França pela Alemanha nazista, símbolo do terror e da devastação. Nunes (1951) considera *A peste* como a obra-prima de Camus, pois expressa a aventura do homem contemporâneo e traduz as contingências existenciais de nosso tempo. Apesar das marcas temporais e históricas em *A peste*, o "nosso tempo" (MADAULE, 1948, p. 3) que esse romance expressa atualiza-se sempre, como alerta o narrador, Dr. Rieux, no

¹⁷ "Durante algum tempo, pelo menos, seriam felizes. Sabiam agora que, se há qualquer coisa que se pode desejar sempre e obter algumas vezes, essa qualquer coisa é a ternura humana" (CAMUS, 1997, p. 262).

desfecho do romance: "(...) o bacilo da peste não morre nem desaparece nunca" (CAMUS, 1997, p. 269).

Assim, *A peste* pode também representar as realidades das atuais opressões de guerras, dos campos de refugiados políticos, dos governos totalitários e, até mesmo, do *lockdown* devido à pandemia do novo coronavírus.

Na obra de Camus, a primeira personagem a se defrontar com um rato morto é o Dr. Rieux, num corredor do prédio onde ficava seu consultório. Diante da situação inusitada, Rieux avisa o porteiro Michel, que se escandaliza e nega a existência de ratos no prédio: "Por mais que o médico lhe garantisse que havia um no patamar do primeiro andar, provavelmente morto, a convicção de Michel permanecia firme. Não havia ratos na casa, e era necessário que tivessem trazido este de fora. Em resumo, tratava-se de uma brincadeira" (CAMUS, 1997, p. 13).

A reação dos cidadãos de Oran, à medida que os ratos mortos aumentam na cidade e a doença se alastra entre as pessoas, é também de negação. Para eles, os flagelos eram impossíveis: "Continuavam a fazer negócios, preparavam viagens e tinham opiniões. Como poderiam ter pensado na peste, que suprime o futuro, os deslocamentos e as discussões? Julgavam-se livres, e nunca alguém será livre enquanto houver flagelos" (CAMUS, 1997, p. 38-39).

A prefeitura de Oran demora para assumir e nomear o mal, mas a velocidade do contágio acabará por provocar a decretação do estado de peste e o isolamento das pessoas, modificando a forma de elas assumirem o cotidiano de suas vidas e suas relações com o outro.

A temática desse clássico é atualizada, no contexto da pandemia de Covid-19, por atitudes negacionistas de pessoas que rejeitam a ideia da peste, como o porteiro Michel, que será o primeiro a morrer na narrativa de Camus, ou daqueles que se recusam a interromper seus projetos de vida, pois, como não se pode ser livre sobre o flagelo, o melhor a fazer é negá-lo. Governos, como a prefeitura de Oran em *A peste*, tardam a reconhecer o mal; ou nunca chegam a reconhecer sua intensidade, o que se vê, por exemplo, no Brasil atual.

As possibilidades de identificação entre o leitor de hoje e o drama existencial e coletivo ficcionalizado em *A peste* têm se revelado no substantivo aumento de vendas dessa obra na Europa e no Brasil. Em 12 de março de 2020, um dia após a decretação do estado de pandemia pela Organização Mundial de Saúde (OMS), o site da *BBC News Brasil* (BBC, 2020) divulgava um incremento de 100% nas vendas de *La peste*, na França, nas primeiras oito semanas de 2020, e a entrada dessa obra na lista dos dez livros de ficção mais vendidos na Itália no mesmo período. Em 26 de março de 2020, escrevendo para o site da revista *Cult*, Raphael Luiz de Araújo informava um aumento de 65% nas vendas de *A peste* no Brasil. Menos de quatro meses depois, em 17 de julho de 2020, Beth Koike, em matéria para o *Valor econômico*, informava um acréscimo de 3.900% nas vendas de *A peste* no Brasil.

A peste encontrou seu lugar como crônica dos anos de 1940 na sociedade europeia, mas tornou-se também um espelho polido para o mundo contemporâneo, com suas tragédias humanas e seus flagelos naturais, em tempos de muitos governantes imprevidentes.

REFERÊNCIAS

- ALLUIN, B. *La peste d'Albert Camus*, Profil d'une oeuvre. Paris: Hatier, 1996.
- ARAÚJO, R. L. de. "A peste" e o recomeço do olhar. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/a-pestes-e-o-recomeco-do-olhar/>. Acesso em: 5 set. 2020.
- BBC. 'A Peste', de Albert Camus, vira best-seller em meio à pandemia de coronavírus. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-51843967>. Acesso em: 27 out. 2020.
- BEAUVOIR, S. *Cartas a Nelson Algren* — Um amor transatlântico 1947-1964. Tradução de Marcia Neves Teixeira e Antonio Carlos Austregesylo de Athayde. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- BICALHO, A. M. *Graciliano Ramos e Valerie Rumjanek e o processo de (re)criação em La Peste de Albert Camus*. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.
- CALVINO, I. *Por que ler os clássicos?* Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CAMUS, A. *La peste*. Paris: Gallimard, 1947.
- _____. *A peste*. 10. ed. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- _____. *O mito de Sísifo*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.
- _____. *Bahia de tous les saints article d'Albert Camus*. Disponível em: <http://authologies.free.fr/amado.htm>. Acesso em: 27 ago. 2020.
- GUÉRIN, J. *Dictionnaire Albert Camus*. Paris: Robert Laffont, 2009.
- KOIKE, B. *Vendas de livros clássicos sobre epidemias e distopias disparam*. Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2020/07/17/vendas-de-livros-classicos-sobre-epidemias-e-distopias-disparam.ghtml>. Acesso em: 27 out. 2020.
- KORICHI, M. *La peste d'Albert Camus*. Paris: Gallimard, 2008.
- LÉVI-VALENSI, J. *Commente La peste d'Albert Camus*. Paris: Gallimard, 1991.

MADAULE, J. O "best-seller" da França, no momento: "A PESTE", DE ALBERT CAMUS. *Suplemento Letras e Artes de A manhã*. Rio de Janeiro, 18 jan. 1948, p. 3.

_____. *Identities*. Disponível em: <http://www.worldcatidentities.org>. Acesso em: 5 ago. 2020.

MAUÉS, J. *A modernidade literária no Estado do Pará: o suplemento literário da Folha do norte*. Belém: UNAMA, 2002.

NASCIMENTO, M. F. do. *Benedito Nunes e a moderna crítica literária brasileira (1946-1969)*. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

NUNES, B. *Considerações sobre A peste*. *Suplemento Arte Letras da Folha do norte*, n. 165, Belém, 14 jan. 1951, p. 2-4.

SILVA, N. A. G. da. *A revolta na obra de Albert Camus: posicionamento no campo literário, gênero, estética e ética*. Tese (Doutorado em Letras Neolatinas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

TODD, O. *Albert Camus: uma vida*. Tradução de Monica Stahel. Rio de Janeiro: Record, 1998.

WORLDCAT IDENTITIES. *Madaule, Jacques 1898-1993*. Disponível em: <http://worldcat.org/identities/lccn-n50043616/>. Acesso em: 27 out. 2020.